

**A LEITURA E A ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: REFLEXÕES
ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS DOS BOLSISTAS DO PIBID DO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA**

Gleidiane do Nascimento Lima, Universidade Regional do Cariri-URCA

Luana de Barros Oliveira, Universidade Regional do Cariri-URCA

Sislândia Maria Ferreira Brito – Universidade Regional do Cariri

RESUMO: O presente estudo se constitui de uma análise realizada em torno das experiências vivenciadas pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri-URCA, pautando os avanços atingidos no que diz respeito ao incentivo a leitura e a escrita numa perspectiva transformadora e os percalços encontrados no decorrer deste processo. Assim, este trabalho visa discutir a necessidade de ressignificação do trabalho docente em relação à utilização da leitura e da escrita como prática social. Entendemos que tal abordagem é relevante à proporção que nos concede a possibilidade de refletirmos sobre a importância da introdução da escrita e da leitura nos primeiros anos de vida da criança. Para o desenvolvimento deste estudo lançamos mão da pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica e intervenções pedagógicas. De modo geral, dentro da realidade escolar e das perspectivas do programa os resultados foram satisfatórios.

Palavras-chave: leitura-escrita- reflexão- PIBID- transformação

INTRODUÇÃO

Partindo da afirmativa, tão evidenciada por inúmeros estudiosos de que a inserção das crianças das séries iniciais no universo da leitura e da escrita é essencial no desenvolvimento de educandos críticos e reflexivos e, portanto capazes de entender e transformar sua realidade podemos compreender que a escola, como lócus de debate, construção e reconstrução de conhecimentos, deve propiciar ferramentas ao aluno que o integrem às práticas efetivas de leitura e de produção textual, e nesse interim assegurando a este não apenas a codificação e decodificação das palavras, mas aprendizagem significativa.

Concordamos com a literatura que afirma que durante o processo de alfabetização e letramento das crianças muitos são os entraves a serem experienciados. Nessa reflexão fica, portanto evidenciado que esse processo é complexo e exige pesquisa, estudo e confrontações de realidades.

Partindo dessa compreensão, podemos então perceber que a leitura e a escrita ainda se constituem como o centro das práticas educativas em todas as esferas da educação escolar. Fica, portanto a confirmação, que nessa escola contemporânea o desenvolvimento da leitura e da escrita é imprescindível na formação inicial do educando, este processo que é caracterizado pela sua peculiaridade e por ser intrínseco ao ritmo de aprendizagem de cada criança será refletido em toda a escolarização da mesma, entendendo que o desempenho nas demais áreas do conhecimento sistematizado dependerá desta inserção inicial.

Vale ressaltar, portanto que esta problemática está ligada às práticas de incentivo à leitura e à escrita realizadas por educadores e nessa direção não se pode esquecer também do processo de formação inicial e continuada dos mesmos, questões que merecem uma ampla reflexão, não só para constatação desse dado, mas para uma tomada de decisão com propostas de mudanças curriculares no que diz respeito, as dificuldades das crianças em desenvolverem atividades necessárias e básicas nas séries iniciais. Tais questões têm despertado inquietações nos graduandos do curso de Pedagogia e provocado reflexões acerca do posicionamento do educador desta modalidade de ensino. Neste momento do estudo a proposta é investigar e analisar de que maneira é vivenciado nas escolas inseridas no PIBID do referido curso da Universidade Regional do Cariri – URCA, os ensinamentos referentes à escrita e a leitura.

Vale ressaltar que as práticas pedagógicas proporcionadas aos bolsistas do Pibid criaram um canal entre as teorias estudadas nas abordagens teóricas e práticas na universidade e no chamado chão da escola. Entendemos que a tarefa de interligação do saber científico e do saber prático da escola é de fundamental importância para que compreendamos a essência da práxis educativa.

Essa discussão é relevante, sobretudo, pelo fato de podermos confrontar as afirmações teóricas e científicas com as realidades das escolas públicas analisadas. É importante pautar que de acordo com os estudiosos uma das principais funções da escola é a integração do aluno com as práticas de leituras e de escritas, sejam elas visuais ou não visuais. Cabe a escola subsidiar o aluno com materiais e atividades que desenvolvam no mesmo o prazer de ler, que criem uma afinidade com os textos e o rompimento com a cultura de reprodução e decodificação das palavras sem a reflexão devida. Nessa compreensão acreditamos, pois que o educando necessita e tem o direito de ter contato direto com a multiplicidade de literaturas, a este não pode ser negado o contato e, portanto o acesso as leituras que ampliem sua visão de mundo. Sobre isso Lajolo afirma que:

[...] Pode-se incluir, entre as funções da escola, o aumento progressivo e paulatino da familiaridade do aluno com textos que ampliem seu horizonte de expectativas, numa perspectiva de familiaridade crescente com esferas de cultura cada vez mais complexas que incluem, no limite, aqueles textos que, tendo a sanção dos canais competentes, configuram a literatura. (LAJOLO, 2000, p.45).

Partindo dessa reflexão vale afirmar que a inserção dos graduandos das licenciaturas no universo escolar dentro do programa se deu mediante o estudo e reflexão sobre a realidade e expectativas de cada escola-campo. Assim para uma ação mais efetiva de apreensão da realidade, como prática inicial visitamos o espaço educacional para compreendermos de que maneira transcorriam as relações entre discentes e docentes, gestores e funcionários e vice-versa. A partir desta análise estrutural da instituição e diálogo com seus constituintes passávamos para a fase de observação de sala e participação nos planejamentos e debates sobre as dificuldades no processo de alfabetização das crianças, que até então era uma preocupação incessante da escola.

É importante salientar que as atividades desenvolvidas neste momento foram voltadas para as turmas do ensino fundamental I. Trabalhamos com as crianças do

primeiro ao quinto ano da referida fase, estas vivenciavam um nítido contraste que consistia na dificuldade de aprendizagem dos saberes elementares para a faixa etária em que se encontravam enquanto a premissa dos órgãos educacionais era a alfabetização na idade certa e em um tempo hábil.

REFLEXÕES E APREENSÕES

Nas pesquisas e debates realizados no cenário acadêmico geramos diversos questionamentos no que diz respeito à qualidade do ensino e as práticas incentivadoras por parte dos educadores. É fato que somente um leitor pode estimular uma criança a desenvolver o gosto pela leitura. É complicado pensarmos em uma sala de aula na qual os educandos não presenciem em seu educador um olhar contemplativo e, portanto de ações concretas sobre as leituras e estes desenvolvam práticas espontâneas sobre o ato de ler. Neste sentido, “os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação da leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê”. (LAJOLO, 2000, p.108).

Assim, como ação desafiadora, foi a partir das ponderações feitas pelo grupo que foram organizados sistemas de intervenções, ficou acertado que todas as atividades que seriam desenvolvidas pelas equipes de bolsistas nas escolas campos inseridas no programa deveriam partir da realidade de cada instituição e seriam supervisionadas e orientadas pelos coordenadores e supervisores, de forma que todas as dificuldades e adversidades ocorrentes seriam mediadas por estes profissionais.

O projeto de intervenção se dava da seguinte maneira: recebíamos as oficinas pedagógicas no grupo de socialização dos estudos do PIBID Pedagogia, fazíamos as reflexões, pesquisas e organização dos recursos didáticos necessários para as aplicações das atividades e então experimentávamos as ações e adentrávamos na escola para organização e efetivação dos planejamentos.

Tais oficinas didático-pedagógicas oferecidas pelo grupo de estudos do PIBID Pedagogia se constituíam em fortes abordagens metodológicas para organizarmos e refletirmos sobre nossa atuação enquanto bolsistas. Em especial, cabe destacar a oficina de leitura e escrita oferecida aos alunos, cujo objetivo principal era proporcionar para as crianças das séries iniciais do ensino fundamental a vivência de práticas de leitura e escrita à luz de uma pedagogia transformadora. Foi-nos oportunizado a discussão acerca das concepções de leitura e escrita de vários autores da área, bem como conhecer

modalidades de leitura, gêneros e tipologias textuais. Neste sentido, fomos impulsionados a pensar sobre os meios pelos quais deveríamos trabalhar a leitura e escrita com os alunos, focando nas dificuldades e limitações que estes apresentavam.

A oficina pedagógica realizada na escola serviu-nos como alicerce para as atividades posteriores que desenvolvemos com os alunos nas escolas, por ter apresentado práticas simples e lúdicas que eram extremamente atraentes, com visíveis ações exitosas para os alunos em idade escolar.

Em relação ao desenvolvimento de tais oficinas na escola com os alunos, um ponto significativo merecedor de destaque, é que percebemos que havia muitas crianças que mesmo estando no período adequado para seus níveis de aprendizagem não conseguiam desenvolver atividades elementares de escrita e de leitura. A partir disso, surge a necessidade de fazermos intervenções práticas, no entanto, com a utilização de métodos que eram pouco empregados nas instituições inseridas no programa, como: contação de história e produção de história oral, releitura de imagens, rodas de leituras com literatura infanto-juvenil, atividades de formação de palavras a partir de contos lúdicos e elaboração de pequenos textos a partir da história e memória das próprias crianças.

Vale ressaltar, que não pretendíamos ignorar ou julgar como certo ou errado o trabalho realizado pelos educadores em sala de aula, porém procuramos proporcionar aos alunos momentos distintos daqueles vivenciados por eles nas aulas convencionais, visando despertar nestes o interesse e o prazer pelo ato de ler e escrever. Nessa perspectiva, não podemos limitar a ação do leitor a uma simples decodificação de palavras, sem significado, nem tampouco idealizar que aluno pouco entende do processo de alfabetização e que cabe ao professor “encher” suas mentes com informações metódicas. Partido, portanto de uma concepção em Freire é inviável um seguimento do ato alfabetizador em que o educando não seja considerado como sujeito e as práticas de leitura sejam entendidas como de mensuração de informações. Nessa direção, Freire afirma que:

“[...] Para mim seria impossível engajar-me mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizado, o seu sujeito”. (FREIRE, 1989, p.13)

Assim, para uma ação mais concreta, Além de oficinas pedagógicas, realizamos também atividades semanais na escola-campo. Estes momentos eram classificados como “O dia do PIBID na escola”. Estas atividades tinham como foco aproximar, de forma mais sólida, os alunos bolsistas do cotidiano escolar e incentivar as crianças a possuírem um maior contato com as múltiplas literaturas. Desta maneira, os graduandos além de fazerem intervenções por meio de oficinas pedagógicas, atuavam semanalmente nas escolas-campo, realizando diversas atividades.

Assim, podemos destacar como objetivos principais do dia do PIBID na escola: a realização de uma mediação entre a realidade escolar e os estudos teóricos direcionados para as vivências pedagógicas, a aspiração de novas metodologias e práticas de ensino através da observação em sala de aula, diagnosticar por intermédio da observação, a relação professor- aluno, as carências e conflitos existentes no espaço escolar e de forma especial a introdução dos bolsistas no contexto escolar, oportunizando a estes vivências concretas da prática docente.

Vale ressaltar que o dia do PIBID na escola, proporciona não somente uma relação de aproximação dos bolsistas com as crianças em processo de alfabetização, mas com toda a comunidade escolar. Neste ínterim, os resultados alcançados através do dia do PIBID na escola foram perceptíveis. Cabe ressaltar que As crianças com dificuldades na escrita desenvolveram várias atividades, tais como, a prática da história oral e de relatos de memórias, a releitura de imagens que colaborou para que os educandos se envolvessem com uma escrita mais visual, mais palpável, na qual poderiam além de escrever, recriar o que seus olhos viam.

É importante pautar o que muitos estudiosos vêm afirmando que é essencial no ensino da leitura, seja qual for o público que se queira ensinar, o contato do educando com os livros. O ato de ensinar a ler e escrever possibilita a relação e a aproximação do aluno com o meio cultural, desta maneira, é de fundamental importância que este aluno seja apresentado ao mundo da leitura e da escrita desde seus primeiros meses de vida. Desta forma, buscamos proporcionar aos nossos alunos a oportunidade de conviver com a mais ampla diversidade de livros e textos, adequando estes aos interesses e faixa etária dos alunos. Sobre isso Silva conclui que:

Portanto, a leitura, enquanto proximidade e convivência com os diferentes tipos de texto, enquanto uma prática encarnada na nossa vida cotidiana, pode muito bem mostrar as contradições presentes nos vários contextos em que

vivemos ou nos quais ainda não vivemos, mas queremos viver. (SILVA, 2005, p.61)

Portanto, a aprendizagem da leitura e escrita vai além da memorização das letras e do reconhecimento das palavras, é um ato que possibilita o pensamento crítico e a reflexão sobre as questões sociais. Desse modo, é indispensável à disposição de livros ao alcance dos alunos, possibilitando a formação de concepções, entendimento de sua situação atual e realidade que ele almeje alcançar.

Faz-se necessário para esse momento relatar que em nossas vivências pedagógicas na escola-campo lócus da nossa prática inicial docente, notamos que a instituição dispunha de uma biblioteca com múltiplos livros, no entanto, não foram raras as vezes que visualizamos os alunos sendo privados do convívio com estes materiais. Tal atitude acaba distanciando e desestimulando ainda mais os alunos, que na maioria das vezes criam aversão ao ato de ler. Sobre a importância das bibliotecas Freire afirma que:

[...] a biblioteca popular; como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto. (FREIRE, 2011, p.45)

A partir da constatação de tal situação, começamos a refletir sobre a importante responsabilidade dos professores e bibliotecários na formação de leitores, destacando a importância da junção desses dois profissionais para contribuir com o hábito da leitura e com a formação de cidadãos independentes e atuantes na sociedade em que vivem. Assim, Silva (2005) afirma que uma biblioteca para ser um espaço de incentivo da leitura e escrita, deve ter objetivos claros, ser montada levando em consideração o público que irá frequentá-la, bem como ser planejada visando à formação de leitores.

Tal situação relatada nos motivou a planejarmos e executarmos frequentemente atividades na biblioteca da escola, propiciando aos alunos o contato direto com os livros, visando despertar e influenciar na construção de práticas de leitura. Daí a necessidade de toda a comunidade escolar estar comprometida com a aprendizagem das crianças, seja de forma direta ou indireta.

A partir das atividades realizadas fomos capazes de diagnosticar o nível de aprendizagem de cada criança e pensarmos e executarmos planejamentos com base nas necessidades apresentadas. Na realidade o que constatamos é que a maior parte das crianças possuía dificuldades na leitura e na escrita, alguns alunos do 5º ano do

fundamental I ainda não conseguiam escrever as letras do próprio nome. Diante deste fato, decidimos desenvolver oficinas pedagógicas de incentivo a leitura e a escrita, cujo objetivo estava envolto a instigar crianças, mesmo sem estas saberem ler, a exercitarem uma prática de leitura de imagens nos livros infanto-juvenis.

No decorrer das oficinas, experimentamos inúmeras atividades com músicas, vídeos, teatro, cores e imagens que chamassem a atenção dos alunos para as histórias contadas. Tais atividades eram experimentadas duas vezes por semana, assim eram realizadas atividades lúdicas e aplicadas aos conteúdos utilizados em sala pelos educadores.

Os resultados destas atividades foram surgindo paulatinamente. Percebemos que algumas crianças já se direcionavam para a biblioteca entre os intervalos das aulas sozinhas e já conseguiam realizar leituras e desenvolver pequenos textos, que possuíam significados para si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos compreender que as atividades desenvolvidas neste momento específico da pesquisa foram de grande contribuição para nossa formação enquanto graduandos do curso de Pedagogia. A vivência de práticas pedagógicas, a troca de experiências, o diálogo estabelecido e até mesmo os conflitos de abordagens foram fundamentais na construção do nosso ser docente. A aproximação com a realidade escolar oportunizou um olhar distinto às questões educacionais e um canal de reaproximação da prática e da teoria.

Durante o período de atuação na escola identificamos a difícil realidade das escolas públicas, que sofrem com a desvalorização do profissional docente, as fatigantes jornadas de trabalho, a estrutura escolar muitas vezes precária, à ausência da família na escola, dentre uma infinidade de fatores que concorrem para essa realidade.

Contudo, verificamos que é possível gerar mudanças no sistema educacional, fundamentando critérios adequados ao ensino voltado para o educando e tomando este como sujeito do processo.

Desse modo, entendemos que a valorização da leitura e da escrita precisa ser uma constante na rotina escolar, sabemos que o conhecimento também pode ser causa

de exclusão, se em nossa ação enquanto docentes não privilegamos leituras que ampliem as concepções e saberes iniciais do educando. A leitura de mundo do ser humano é ampliada quando este confronta suas ideias com novas convicções, a transformação ocorre quando deste confronto nasce um novo indivíduo, capaz de refletir e agir sobre o meio, modificando assim sua realidade.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 51 ed. São Paulo: Cortez 2011.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conferências sobre leitura**. 2 ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 2005.